

O PAPEL EDUCADOR DOS INTELLECTUAIS NA FORMAÇÃO IDEOLÓGICA E HEGEMÔNICA EM GRAMSCI: UMA PERSPECTIVA DE EMANCIPAÇÃO HUMANA

Cezar Luiz de Mari¹
UFV/MG
cezardemari@uol.com.br

RESUMO²

O presente trabalho procura expor a perspectiva do intelectual como educador em Antonio Gramsci, em sua função mediadora de formação moral e intelectual. Constituíam-se um debate urgente no seu tempo (Itália da década de 20 e 30), ao mesmo tempo que motiva, em perspectiva de universalidade, o debate contemporâneo sobre a importância de uma visão de mundo unitária. Esse texto quer reafirmar a significação filosófica dos pensadores em todos os níveis, sobretudo os que contribuem no processo da formação emancipadora humana. Em tempos em que o particular parece ter se tornado tópico de discussão por si só, o debate gramsciano recoloca a fundamental e sólida relação entre as dimensões do particular e do universal no âmbito da educação e da política. Nessa perspectiva um dos eixos para a construção hegemônica que aparece nos escritos gramscianos é a relação entre os intelectuais e os homens simples.

Introdução

Levantar a tese da emancipação humana atualmente parece algo muito distante, uma vez que a direção das grandes tendências teóricas passa ao largo desta temática. Ao mesmo tempo em que a realidade põe suas determinações, também mostra o avanço tecnológico e científico revestido por uma linguagem, onde não aparecem as determinações desta realidade. De outro modo se faz primordial recolocar esta temática no âmbito da discussão filosófica, dada a necessidade de voltarmos ao debate sobre as relações constitutivas do real. Considero que Antonio Gramsci tenha uma grande contribuição neste sentido, especialmente no que tange o papel dos intelectuais no processo da formação de uma nova moral e cultura.

¹ Professor, Doutor em Educação pela Universidade de Santa Catarina – UFSC, 2006. Atualmente professor Adjunto da Universidade Federal Viçosa/MG. Atua nas áreas de Filosofia, ética e Educação, com ênfase em política educacional.

² Artigo editado como capítulo de livro in: LEITE, Domingos (org.). *Trabalho e Formação Humana: o papel dos intelectuais e da educação*. Curitiba: UFTPR, 2011, p. 65-84.

Deve-se tomar em conta que a tese emancipatória gramsciana está diretamente desenvolvida no seu conceito de hegemonia, compreendido como direção moral e direção política de uma classe quando toma o poder (ou não) sobre as classes concorrentes e aliadas.

Nessa direção Gramsci discute o papel dos intelectuais como os que fazem as relações entre as diferentes classes sociais possibilitando uma visão de mundo mais unitária e homogênea. E ao contrário da perspectiva filosófica do idealismo alemão, Gramsci destaca que todas as camadas sociais possuem seus intelectuais, uns sendo profissionais, outros inclusos nesta categoria apenas por participarem de determinada visão de mundo.

Os intelectuais possuem uma função orgânica bastante importante no processo da reprodução social, na medida em que ocupam espaços sociais de decisão prática e teóricas, tornando-os objeto de longa análise nos Cadernos do Cárcere³. Mas a principal função destes se encontra na formação de uma nova moral e uma nova cultura, que podem ser entendidas também como uma contra-hegemonia, já que o objetivo final das lutas organizativas seria, no seu momento histórico, o socialismo.

E não seria possível falar de intelectuais e hegemonia sem falar em educação e escola, objeto de intensa preocupação gramsciana, por ser um aparelho privado de hegemonia, chamado assim ao lado de outras formas organizativas da sociedade civil. Assim apontamos, neste trabalho algumas idéias adensando a perspectiva da formação humana para a emancipação, tendo também a escola como um espaço de desenvolvimento ideológico contra-hegemônico.

Vivemos tempos diversos daqueles vividos por Gramsci, porém considerados que a perspicácia e a profundidade de suas análises o credenciam como um dos mais brilhantes intelectuais de esquerda do século XX, ao lado de Lênin e Lukács. Por isso consideramos que as reflexões não podem ser tomadas como verdades fechadas, mas como elementos de análise do nosso tempo. Vamos nos ater apenas no levantamento das categorias propostas neste trabalho como elementos contributivos para uma reflexão crítica, como um contraponto às defesas do niilismo, do ceticismo que cristalizam as formas da sociedade como se encontram. Consideramos as contribuições gramscianas de alta contemporaneidade, uma vez que o seu objeto, o capitalismo e suas formas políticas, não desapareceu.

³ Principal obra gramsciana, escrita entre 1929 e 1937. Contém o núcleo central de todas as grandes reflexões do autor

1 A Formação dos Intelectuais

Um dos grandes temas desenvolvidos nos Quaderni foi sobre os intelectuais e a cultura italiana. Assim como constata Brocoli (1977, p. 113), “Toda obra gramsciana está percorrida por este tema, como uma insistência que revela o tormento crítico necessário pela necessidade deste aprofundamento” Em *Intelectuais e a Organização da Cultura* (1989), Gramsci afirma como tese central que os intelectuais são um grupo social autônomo, com uma função social de porta-vozes dos grupos ligados ao mundo da produção. Para esse trabalho, enfrentou as teorias de Benedetto Croce, uma espécie de ícone do idealismo italiano, influenciando decisivamente nas concepções de mundo deste país. Gramsci compreendia que a luta também se dava no campo ideológico, pela superação dessas sínteses chaves, por teses de maior significação e importância para a organização social socialista.

Todo grupo social que possui função no mundo da produção, empresários, trabalhadores, elaboram os seus intelectuais para darem maior homogeneidade e consciência da importância da função desta classe. O empresário capitalista, por exemplo, cria o técnico da indústria, os cientistas da economia política, para favorecer a expansão da própria classe. Nas sociedades primitivas também a figura do intelectual estava representada pelos eclesiásticos, que dirigiram ideologicamente quinze séculos e representavam organicamente a aristocracia fundiária. Ao lado destes nasceram também categorias diferenciadas como os administradores, filósofos, cientistas, favorecidas e engrandecidas pelos poderes das monarquias.

Gramsci também queria compreender o ponto sobre os qual estão unidos todos os intelectuais, independente de sua categoria. Notifica este ponto de unidade no conjunto das relações sociais, e não na atividade intelectual intrínseca. Mesmo na atividade física, onde o operário parece apenas exercer suas funções mecânicas, também existe um trabalho intelectual criador. Ao insistir na compreensão do intelectual vinculado às forças de base histórica Gramsci considera “Um erro bastante comum é o de crer que toda camada social elabora sua própria consciência, sua própria cultura da mesma maneira, com os mesmos métodos, isto é, com os métodos dos intelectuais profissionais” (1977, p. 1547-1548).

Todos os homens são intelectuais, apesar de nem todos assumirem na sociedade a função de intelectuais. Apesar das atividades sociais serem distintas, todos os homens possuem, mesmo de maneira fragmentada alguma cosmovisão, sob a qual baseia o seu comportamento moral, contribui ou não para manter ou mudar uma determinada forma de pensar. Quando Gramsci utiliza a noção de intelectual o faz referindo-se a categoria profissional apesar de, para ele, não haver possibilidade de afirmar a existência de não-

intelectuais. Cada homem exerce alguma atividade que pode ser caracterizada como intelectual.

Na sociedade moderna existe a criação de um novo tipo de intelectual, que difere do tradicional, conhecido popularmente como filósofo, artista ou literato. Na modernidade o intelectual está ligado ao trabalho industrial, que supera o espírito abstrato, mas mistura-se constantemente na vida prática, como construtor, organizador, superando a relação técnica-trabalho para chegar à técnica-ciência e torna-se especialista e dirigente.

Gramsci também define as duas categorias de intelectuais, o orgânico, proveniente da classe social que o gerou, tornando-se seu especialista, organizador e homogeneizador e o tradicional que acredita estar desvinculado das classes sociais. São os que nascem numa determinada classe e cristalizam-se, tornando-se casta, como exemplo mais típico os clérigos (Cf. 1989, p. 23), hoje podemos acrescentar os militares, professor universitário e outros.

A organicidade dos intelectuais pode ser medida pela maior ou menor conexão nas funções superestruturais, ou da sociedade civil e seus aparelhos privados de hegemonia ou da sociedade política. Os intelectuais exercem as funções da hegemonia e do governo político em nome da classe dominante, constituindo-se os “caixeiros” dos interesses desta. Os intelectuais têm a função de unificar os conceitos para criação de uma nova cultura, que não se reduz apenas à formação de uma vontade coletiva, capaz de adquirir o poder do Estado, mas também a difusão de uma nova concepção de mundo e de comportamento. Nessa empreitada, torna-se fundamental o papel das instituições privadas da sociedade civil como a igreja, escola, sindicatos, jornais, família e outros, como entidades concretizadoras de uma nova vontade e moral social.

Gramsci diferencia o intelectual urbano do rural. Enquanto os intelectuais urbanos ascendem socialmente, confundindo-se com suas classes, os rurais, na maioria tradicionais, estão ligados à massa social campesina e pequeno-burguesa, posta em movimento pelo sistema capitalista. Estes ainda exercem uma forte influência nas camadas operárias, na medida em que se apresentam como modelo de ascensão social também cumprem um papel político-social, ao mediar a relação entre massa e o espaço político local. Os intelectuais urbanos como técnicos de fábricas não exercem influência política nas classes subalternas, ao contrário, sofrem influência destas pelos seus intelectuais orgânicos.

Nas sociedades modernas também põem-se como figura intelectual o partido, cuja função seria aglutinar coletivamente as grandes vontades de classe.

2 Intelectuais e o Partido

No âmbito do partido político Gramsci distingue duas posições em relação aos intelectuais: a primeira em que o partido para alguns grupos é o modo de elaboração das categorias de intelectuais orgânicos no campo ideológico e a outra, para todos os grupos, onde o partido funciona como aglutinador dos intelectuais orgânicos e tradicionais, para torná-los intelectuais dirigentes, capazes de organizar a vida civil e política. Nesse sentido o partido possui uma função orgânica muito maior que o próprio Estado, que não raramente está representado por homens contraditórios em relação a sua classe social. No partido a função da categoria intelectuais ultrapassa o momento corporativo, ou seja, nela não há espaço para o aperfeiçoamento da renda do comerciante ou para encontrar melhores formas de produzir ao camponês, mas é o espaço da elaboração geral. “O Estado, o Partido, o elemento individual, cada um na sua esfera, cumprem, portanto, sua própria função de hegemonia cultural” (Manacorda, 1990, p. 152). De outro modo em sua dimensão formativa encontra-se a escola, cujo papel na atividade cultural foi estudada por Gramsci.

3 Intelectuais e a Escola

De acordo com Manacorda (1990, p. 152), Gramsci também enfoca a temática dos intelectuais no âmbito da divulgação ideológica, onde a escola exerce um importante papel. Com a modernidade, estabelecem-se novas bases produtivas, aumenta o entrelaçamento entre as dimensões teóricas e práticas, trazendo à tona a função do especialista, o técnico. Isso faz surgir ao lado da escola desinteressada⁴ “humanística”, de formação geral, as escolas de especialização técnicas. A primeira, tendo como objetivo uma formação geral ampla para intelectuais tradicionais das classes dominantes e a outra puramente prática, destinada às classes subalternas. Mas essa cadeia se rompe com a emergência da indústria moderna e caracteriza o surgimento de um novo tipo de intelectual, diretamente produtivo, o técnico de fábrica como exemplo. Esse novo perfil produtivo também exige uma nova escola cultural, também ligada ao fator produtivo. Essa nova cultura está imbuída de um princípio educativo cultural novo, o que significa, em Gramsci a diminuição da escola desinteressada, pela perda do seu valor formativo.

⁴ Noção de escola de formação integral técnica e cultural.

O estudo da escola em Gramsci não está separado do conjunto de seu pensamento. A escola era entendida como um "aparelho privado de hegemonia"⁵. Sua compreensão de escola estava direcionada para a construção de uma nova moral e uma nova cultura da classe subalterna, de modo a assegurar maior hegemonia sobre as demais classes e, conseqüentemente, na perspectiva da conquista do Estado. Por isso, era necessário romper com a subordinação intelectual e ideológica das classes subalternas, que se tornavam aliadas da cultura dominante ao reproduzir sua ideologia. Ora, isso ocorria porque a concepção de mundo era incoerente, fragmentária e desorganizada. Conforme Gramsci (1989, p. 15):

Isto significa que um grupo social, que tem uma concepção própria do mundo, ainda que embrionária, que se manifesta na ação e, portanto, descontínua e ocasionalmente, isto é, quando tal grupo se movimenta como um conjunto orgânico toma emprestada a outro grupo social, por razões de submissão e subordinação intelectual, uma concepção que lhe é estranha.

A superação do senso comum, que para Gramsci (1989, p. 143) se constituiu numa concepção de mundo absorvida acriticamente, ocasional e desagregada, se dá pela filosofia da práxis. Porém, a crítica ao senso comum é o ponto de partida para a nova concepção de mundo, uma vez que ele possuía um núcleo de bom senso, ou seja, um núcleo sadio do senso comum, algo unitário e coerente, merecendo ser desenvolvido e superado. Logo, o senso comum permitia a submissão à ideologia dominante e precisava ser superado pela filosofia da práxis⁶, instrumento que possibilitava elevar a consciência a uma maior homogeneidade e coerência. A filosofia da práxis, para Gramsci, era a concepção materialista histórica e dialética de Marx e Engels, cuja substancialidade dava condições para resolver os problemas históricos enfrentados pelo pensador italiano. A filosofia da práxis se movia em dois sentidos: o primeiro, consistia na crítica ao senso comum, resgatando o núcleo de bom senso; o segundo, na crítica à filosofia dos intelectuais que corroboravam a sustentação ideológica dominante. Este trabalho cabe aos intelectuais orgânicos, que são dirigentes e organizadores das classes subalternas, enquanto ajudavam na superação dialética do fragmento para uma visão de totalidade. Para isso, ao intelectual orgânico, Gramsci (1989, p. 27) sugere:

⁵ Categoria gramsciana expressiva das instituições da sociedade civil que cumprem sua função social no âmbito da cultura e da hegemonia. Escola, sindicato e o partido político são alguns exemplos dessas instituições.

⁶ Usado como expressão sinônima do "materialismo dialético" de Marx, que expressa a forma dos homens produzirem sua vida a partir da base produtiva.

repetir constantemente, e didaticamente (de forma variada) os argumentos que concorrerão para a ampliação da visão das massas; e a elevação cada vez maior da cultura da massa, fazendo surgir dela mesma a elite de seus intelectuais, capazes de uma ligação teórica e prática.

Quando esta segunda etapa é atingida, significa que o estágio ideológico para a mudança do panorama de uma época está amadurecido. Ter uma visão unitária do mundo é elemento imprescindível para se chegar à hegemonia, que é definida por Gramsci (1977, p. 22) enquanto exercício de uma classe por meio da direção e consenso. Quanto ao operariado, significava criar consenso ao redor de uma concepção de mundo diferente da dominante e que permitisse a sua superação. Além dessa compreensão, Gramsci se preocupou com a dicotomização entre ensino humano e profissional, sobre o qual recai o peso da extratificação de classe, reforçando assim o projeto de uma educação burguesa, diferenciada às classes subalternas.

Em *A organização da escola e da cultura*, Gramsci (1989, p. 117 - 118) fez uma crítica detalhada do significado social da escola profissionalizante, cuja estrutura básica estava na preparação de mão-de-obra para o mercado e consistia então na nova proposta para o ensino italiano. Gramsci era um dos críticos mais incisivos da escola profissionalizante, por considerá-la elitista e discriminatória, mas sem deixar de considerar a necessidade de modernização técnica da sociedade. Também fixou especial atenção em sua proposta de escola única, de cultura e formação humanística, que englobava as duas dimensões segmentadas na escola. Com relação a isto, comenta:

a tendência, hoje, é a de abolir qualquer tipo de escola 'desinteressada' (não imediatamente interessada) e 'formativa', ou conservar delas tão-somente um reduzido exemplar destinado a uma pequena elite de senhores e de mulheres que não devem pensar em se preparar para um futuro profissional, bem como a de difundir cada vez mais as escolas profissionais especializadas, nas quais o destino do aluno e sua futura atividade são predeterminados. A crise terá uma solução que, racionalmente, deveria seguir esta linha: escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre equanimemente o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento da capacidade de trabalho intelectual. Deste tipo de escola única, através de repetidas experiências de orientação profissional, passar-se-á a uma das escolas especializadas ou ao trabalho produtivo.

Gramsci (1989, p. 136 - 137) também questionava o caráter ilusório que possuía a formação das escolas profissionalizantes ao criar uma idéia de democracia que, ao contrário, solidificava a degenerescência progressiva da escola, na medida em que esta se preocupa em resolver problemas práticos e imediatos, relegando a questão formativa da escola desinteressada. Logo, esse modelo, longe de ser democrático, reafirmava a perpetuação das classes sociais.

A escola desinteressada era democrática porque colocava à cada cidadão, pelo menos abstratamente, a condição de ser um governante. Por isso, Gramsci insistia que, pelo menos nos graus básicos, o ensino permanecesse desinteressado. Essa garantia dava a oportunidade de que as classes subalternas tivessem acesso a cultura, não no sentido enciclopédico, mas de uma cultura histórica cuja aquisição as ajudaria a interpretar a herança histórica e cultural da humanidade e definir-se diante dela.

No texto *Para a Investigação do Princípio Educativo*, Gramsci (1989, p. 129-130) abre a discussão relativa à função da escola unitária quanto a introdução do cidadão na vida estatal e na sociedade civil, e põe a necessidade de se focar também as noções de ciências naturais e direitos e deveres. As primeiras tinham o objetivo de introduzir o aluno no mundo das coisas, as segundas, na vida estatal e na sociedade civil. Ambas tinham como objetivo dirimir as visões folclóricas ou individualistas e localistas de mundo, que impediam o indivíduo de se colocar no seio da sociedade numa visão de superação do senso comum. A escola unitária tinha a seu encargo proporcionar às classes subalternas uma visão das leis naturais as quais os homens deviam adequar-se e dominá-las, e das leis estatais e civis, que são construídas historicamente e podem sofrer modificações. Essa formação proporcionaria maior socialização e percepção histórica dos processos sociais. Quanto aos conhecimentos dos direitos e deveres, estes são imprescindíveis para se romper com as visões folclóricas de sociedade de ordem dominante introduzindo, desse modo, o aluno na sociedade, e com isso a escola estaria cumprindo seu papel formativo e cultural. No domínio das leis naturais e sociais, efetivaria-se o princípio educativo sobre o qual estava fundada a escola elementar: o conceito de trabalho.

O conceito e o fato do trabalho (da atividade teórico-prática) é o princípio educativo imanente à escola elementar, já que a ordem social e estatal (direitos e deveres) é introduzida e identificada na ordem natural do trabalho. Logo, o que é possível adquirir da escola elementar são 'os primeiros elementos de uma intuição do mundo liberta de toda magia ou bruxaria, que fornece o ponto de partida para o posterior desenvolvimento de uma concepção histórico-dialética do mundo, para

a compreensão do movimento e do devenir, para a valorização da soma de esforços e de sacrifícios que o presente custou ao passado e que o futuro custa ao presente, para a concepção da atualidade como síntese do passado, de todas as gerações passadas, que se projeta no futuro' (GRAMSCI, 1989, p. 130).

A função das universidades, no conjunto do pensamento gramsciano (1989, p. 125), também vai no sentido de reforçar uma consciência homogênea e autônoma, educar os cérebros para pensar de modo claro, libertando-os de uma cosmovisão caótica, corroborada por uma cultura inorgânica, pretensiosa e confusa.

Em um novo contexto de relações entre vida e cultura, entre trabalho intelectual e trabalho industrial, as academias deverão se tornar a organização cultural (de sistematização, expansão e criação intelectual) dos elementos que, após a escola unitária, passarão para o trabalho profissional, bem como um terreno de encontro entre estes e os universitários.

A discussão de Gramsci sobre a universidade, segundo Mário Manacorda (1990, p. 119-122), está claramente relacionada a baixa influência da universidade na cultura da Itália, e a resposta de Gramsci se voltou para dentro da universidade, reconhecida por ele como burocrática e distante da compreensão orgânica. Ele frisou a necessidade de diferenciar os modos e os instrumentos de difusão da cultura no trabalho educativo-formativo, que não pode se limitar à simples enunciação teórica de princípios claros e de métodos, mas deveria ser um trabalho que articulasse a indução, a dedução, a lógica formal e a dialética. Sua reflexão também vai no sentido da unificação dos vários centros culturais, na busca de fixação de uma média do pensamento nacional como guia da atividade intelectual, de atividades ligadas a vida coletiva e ao mundo da produção e do trabalho. Neste aspecto, as universidades contribuiriam sobremaneira quanto a finalidade de centralização e de um impulso a cultura nacional que fosse superior ao da Igreja católica (GRAMSCI, p. 1270).

Essas reflexões nos remetem a discussões atuais sobre a função da universidade enquanto espaço de elevação da cultura, de superação do "senso comum" capazes de uma compreensão homogênea das várias dimensões da sociedade.

4 Intelectuais e a Hegemonia

Segundo Schlesener (1992, p. 39), com a emergência dos Estados modernos era necessária a conquista das direções políticas para afirmação da hegemonia. A Itália vivia sob o comando da cultura fascista e se tornava necessário lançar as bases de uma nova hegemonia. Neste sentido está estabelecido o programa dos escritos do cárcere sobre a cultura popular italiana e a função dos intelectuais. Sua incursão por estas temáticas remonta a questão meridional, escrita em 1926 sobre a Itália, a discussão sobre intelectuais tradicionais, a estratégia de unidade entre os operários e camponeses e a unificação dos seus intelectuais orgânicos e tradicionais para o estabelecimento de uma nova hegemonia.

Nas cartas do Cárcere Gramsci retoma o tema e na carta de 03 de agosto de 1931, enviada à Tatiana, sua cunhada (1978b p. 40), repõem o tema na relação com o conceito de Estado. É no contexto das relações de hegemonia que se deve considerar a atuação dos intelectuais, representando de modo parcial e mistificador o momento histórico, ou apontando os antagonismos sociais e exprimindo as contradições em luta, na expressão mais abrangente da realidade histórico-política (Cf. 1978b, p. 41-42). Logo, a discussão de Gramsci sobre os intelectuais se inscreve na história política e cultural da Itália, explicitando a necessidade da formação de uma vontade coletiva nacional-popular.

Os intelectuais que efetuam a crítica das ideologias hegemônicas devem levar em consideração que toda cultura possui seu momento religioso, em que quase sempre coincide com o período de hegemonia real, aperfeiçoando-se dogmaticamente. Realizar a crítica, acima de tudo é demonstrar o caráter artificial, não histórico da mesma (1977, p. 1481-1482), e trabalhar sobre o senso comum na abertura de uma nova práxis histórica. A crítica também implica no rompimento com o discurso antigo, seja no âmbito teórico ou prático para recriar um novo processo cultural, com novas formas de sociabilidade. A crítica deve ser capaz de neutralizar a teoria antiga mostrando sua incoerência, e isso só pode ocorrer se a crítica conseguir ser hegemônica. Nesse sentido Gramsci defende como a melhor crítica a filosofia da Práxis (materialismo histórico e dialético de Marx), porque “concebe a realidade das relações humanas de conhecimento como elemento de hegemonia política” (1977, p. 1245). A

A difusão da filosofia da práxis é a grande reforma dos tempos modernos, é uma reforma intelectual e moral que realiza em escala

nacional, o que o liberalismo não teve êxito em realizar, senão para camadas restritas da população” (GRAMSCI, 1977, p. 1292).

Essa divulgação é fundamental ser realizada entre os homens simples, porque de modo geral não têm consciência teórica clara da sua ação. Podem coabitar concepções contraditórias na sua consciência; uma implícita em sua ação, a qual ajuda a transformar a realidade; e outra herdada do passado, normalmente não explícita, que influi em sua vontade, moral⁷ e chega até a condicionar atitudes passivas morais e políticas. Logo, o autoconhecimento é também travado em forma de busca hegemônica⁸ moral e depois política, o que ocasiona uma nova elaboração de mundo. Isso significa, num primeiro momento, ter a compreensão de fazer parte de uma força hegemônica que, de outro modo, significa ter autoconsciência ou uma visão de mundo coerente e unitária. Assim se processa o desenvolvimento da superação do senso comum numa unidade cada vez mais intensa de uma compreensão intelectual unida ao progresso político prático. O Intelectual⁹ tem um papel central nesse processo, no fortalecimento da aproximação com os homens “simples” e na construção de uma visão unitária de mundo. O trabalho de elevação da cultura das classes subalternas não é algo que ocorra mecanicamente, mas de modo a unir questões da velha concepção com parte das novas. Portanto, uma nova visão de mundo só se tornará cultura de massa quando se tornar uma espécie de fé imanente, humanista e histórica. A questão em que Gramsci se coloca é um projeto de metodologia para elevar a cultura das classes subalternas em vista da elaboração de uma nova visão hegemônica.

5.0 Considerações finais: intelectuais e o senso comum

O ponto de partida para alcançar-se uma visão de mundo mais unitária e homogênea é sempre o senso comum, que é a filosofia espontânea das multidões. Gramsci sugere como exemplo de condução hegemônica, a França. Neste país, a distância entre os intelectuais e os homens “simples” é menor por conta de uma natureza mais “popular-nacional” da sua cultura. A literatura francesa é muito variada quanto à produção sobre o senso comum, o que permite a Gramsci citá-la como exemplo de condução hegemônica e ideológica. Historicamente o

⁷ O sentido do termo moral está diretamente ligado à ação, comportamento ou prática política.

⁸ Capacidade de direção, autogoverno, busca do consenso.

⁹ Gramsci diferencia o intelectual tradicional, que se caracteriza pelo seu afastamento da classe social, e o orgânico, que surge no interior da própria classe, dá sentido e organicidade.

senso comum foi considerado de vários modos e, sempre que se critica um, assim é feito em vista da criação de outro que concorde com a classe dirigente. De todo modo, Gramsci concorda com escritores da sua época que a única forma de concretizar uma cultura é libertando os homens do senso comum e sua filosofia espontânea.

A elaboração de uma visão organizada de mundo não se faz arbitrariamente em torno de uma ideologia qualquer, vontade de alguma personalidade, de grupos fanáticos filosóficos ou religiosos. A não adesão ou adesão da massa a uma ideologia demonstra a crítica da racionalidade histórica dos modos de pensar. As construções arbitrárias são as primeiras a serem eliminadas na competição histórica; já as construções que correspondem às exigências de um período histórico complexo e orgânico terminam sempre por se impor e prevalecer, ainda que atravessem muitas fases intermediárias nas quais a sua afirmação ocorre apenas em combinações mais ou menos bizarras e heteróclitas (GRAMSCI, 1999, p. 111).

Para Gramsci, o processo hegemônico vincula o ato pedagógico ao político. Ambos isolados não concretizam, de forma plena, o estado hegemônico. A educação popular, para a elevação de sua cultura, é um ato preliminar que serve de suporte à tomada do poder. Gramsci diferencia a guerra de posição da guerra de movimento; a primeira se dá de modo processual, compatível com o tempo político-pedagógico; a segunda ocorre pela tomada de assalto ao poder. A revolução Russa é o caso típico deste segundo modelo, o que motiva Gramsci a escrever “A Revolução Contra Marx”.

A formação política¹⁰ é um constante desafio para quem se propõe ser educador, seja esse desafio formal ou informal. O que distingue a verdadeira educação é o fato dela ser elemento de intervenção política, caso contrário, não é educação, assim compreendia Paulo Freire. O político é colocado como elemento de formação que caracteriza o sujeito como agente histórico, desmistificado, livre da metafísica paralisante. Para Gramsci, o coletivo é o responsável pela formação de uma nova *Weltanschauungen*, isto é, uma concepção filosófica de mundo.

Com o crescimento dos partidos de massa e com a sua adesão orgânica à vida mais íntima (econômico-produtiva) da própria massa, o processo de estandarização dos sentimentos populares, que era mecânico e casual, isto é, produzido pela existência ambiente de condições e pressões similares, torna-se consciente e crítica (GRAMSCI, 1978, p. 153).

¹⁰ Política entendida como capacidade de intervenção prática na realidade.

No conjunto do debate sobre a elevação cultural cabe aos intelectuais as seguintes orientações didáticas para a concretização da nova hegemonia:

- a) Não se cansar jamais de repetir os mesmos argumentos e variar literariamente a sua forma; a repetição é o meio mais didático e eficaz para agir sobre a mentalidade popular;
- b) Trabalhar incessantemente para elevar intelectualmente as camadas populares, cada vez mais vastas, para dar personalidade ao amorfo e ao elemento de subalternidade, o que significa trabalhar na criação de elites de intelectuais de um novo tipo que surjam diretamente das classes subalternas e que permaneçam em contato com ela para tornarem-se os seus sustentáculos. Esta segunda orientação, quando satisfeita, é o que realmente modifica o panorama ideológico de uma época (GRAMSCI, 1999, p. 110).

Estas foram algumas considerações teóricas sobre a perspectiva dos intelectuais em Gramsci. Há um conjunto de dimensões necessárias de aprofundamento, não possível de realizá-lo neste texto. O debate sobre o tema continua atual, sobretudo para responder aos movimentos de ressignificação do papel do intelectual diante das mudanças técnicas e sociais implementados pela inserção da ciência como componente econômico.

5 Bibliografia

- BADALONI, Nicola. Gramsci: a filosofia da práxis como previsão. In: *História do Marxismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Vol. 10. 1987. 13-121.
- BROCCOLI, Ângelo. *Antonio Gramsci y la educación como hegemonia*. México Nueva Imagen, 1977.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia: O discurso Competente e outras falas*. 5ª ed. São Paulo: Cortez. 1990
- GRAMSCI, Antonio. *Quaderni di Cárcere*. Roma: Instituto Gramsci, 1978.
- _____. *Obras Escolhidas*. Tradução Manuel Cruz. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- _____. *Introdução ao estudo da Filosofia. A Filosofia de Benedetto Croce*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999
- _____. *Concepção Dialética da História*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1978a
- _____. *Cartas do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978b.
- _____. *Intelectuais e a Organização da Cultura*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.
- _____. *Literatura e Vida Nacional*. Tradução Carlos Nelson Coutinho, 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1986
- _____. *Maquiavel a Política e o Estado Moderno*. Tradução Luiz Mário Gazzaneo. 5ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1984
- _____. *Obras escolhidas*. Tradução Manuel Cruz, Revisão e Nei da Rocha Cunha. São Paulo: Martins Fontes. 1978.
- MANACORDA, Mário (1990). *O Princípio Educativo em Gramsci*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o bloco histórico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra

SCHLESENER, Anita Helena. *Hegemonia e Cultura: Gramsci*. Curitiba: Ed. UFPR. (s. d.)
SIMIONATTO, Ivete. *Gramsci e sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social*. Florianópolis: Ed. da UFSC, São Paulo, 1995.